

Testemunhos e a credibilidade do gênero jornalístico informativo¹

Roseméri LAURINDO²

Universidade Regional de Blumenau, SC

RESUMO

Propõe-se refletir melhor sobre aspectos dos testemunhos como elementos discursivos tradicionais, que ao serem enquadrados sob novos formatos problematizam a credibilidade nos gêneros midiáticos. Em Luiz Beltrão, com a Folkcomunicação, o valor testemunhal qualifica a verdade nos ex-votos, de modo que a predominância dos testemunhos se liga aos meios de comunicação populares e seus agentes, revelando a força comunicativa desta categoria. Testemunhos trazem das vivências conteúdos informativos, singularizando o conhecimento social sobre a realidade, aspecto central para o jornalismo;

.

Palavras-chave: testemunho; gêneros informativos; jornalismo; *Folkcomunicação*

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pós doutora em Comunicação (UMESP-SP), Doutora em Ciências da Comunicação (Universidade Nova de Lisboa), Mestre em Comunicação e Cultura (UFBA), jornalista pela UFSC. e-mail: rlaurindo@furb.br

TEXTO DO TRABALHO

Legados ancestrais do testemunho são forças que ancoram cada sujeito em suas verdades tão sujeitas a questionamentos e tensionamentos exacerbados da atualidade. Pela força do testemunho, uma condição de dizer muitas vezes parece querer mudar a realidade dos fatos.

Refletimos sobre o testemunho como verdade informativa em ambiente religioso (KOSTETZER; LAURINDO, 2020) e apesar do recorte pela fé católica, percebeu-se que a consideração de verdade nas manifestações informativas das pregações não se altera na experiência das pessoas, para além do ciclo religioso. Mesmo que não se apresente a narrativa em outros encontros e muito menos nos noticiários, os conteúdos fazem parte do universo de conhecimentos pessoais e, na contemporaneidade, cada vez mais se inserem como temas midiáticos, seja em vídeos próprios ou gravados por terceiros em lugares diversos.

Prática comum em ambientes de busca espiritual, o testemunho motiva fiéis. Com Beltrão (1980, 2001, 2004) analisamos nos testemunhos alguns argumentos potentes em grupo social específico. Em Kostetzer; Laurindo (2020) observou-se testemunhos que exercem influência na opinião pública justamente pelo caráter informativo do que se expressa a partir de experiência própria.

Para os cristãos, a verdade, mesmo que improvável, ganha sentido com as narrativas do evangelho, numa sequência de testemunhos, cujo âmago encontra-se em João, capítulo 14, versículo 6: "Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim".

Seja como correspondência, não contradição ou utilidade (TAMBOSI, 2007), a verdade é sempre um fenômeno teorizado, substrato da informação buscada pelas pessoas.

A teoria correspondentista é a mais antiga, tendo sua origem na célebre formulação de Aristóteles [...] o pressuposto básico dessa teoria é que a verdade de uma proposição que consiste em sua relação com o mundo, isto é, em sua correspondência com os fatos ou estados de coisas. [...] A teoria coerentista, entende que a verdade consiste em relações de coerência num conjunto de crenças. [...] A teoria pragmatista, por sua vez, define a verdade em termos de utilidade, isto é, em termos daquilo que é desejável ou tem consequências úteis para aquele que crê na proposição tida como verdadeira (TAMBOSI, 2007, p. 3-4).

Nesse contexto, a testemunha ocular dos fatos é uma expressão relacionada a quem esteve mais próximo “da verdade” de um acontecimento. É a confirmação de quem presenciou o que aconteceu. Na notícia, se o jornalista está presente, seu relato conquista mais credibilidade.

Nessa linha de pensamento, a testemunha ocular apresenta uma verdade que ao ser transmitida através de notícia, convence o público. Coutinho (2004) dissertou sobre duas verdades, a lógica e a gnoseológica, sendo a primeira relacionada ao jornalismo, pois os jornalistas têm o dever de transmitir informações verídicas para o público, enquanto a segunda é uma realidade ilusória ou inexistente, jamais abarcada pelo jornalismo. A verdade lógica faz com que as notícias transmitam confiança para o público que as consome. Já a verdade estudada pelos adeptos da gnoseologia ou epistemologia está mais ligada às relações humanas, do pensamento e seus enunciados. (KOSTETZER; LAURINDO, 2020, p. 76)

A qualidade do testemunho depende da relação de confiança com quem ouve. Testemunho do local em que aconteceu o fato traz presencialidade, emoção; “[...] uma construção de linguagem e que, quando valorizado no percurso da narrativa não apenas como procedimento de uma rotina jornalística, mas enquanto experiência vivida e narrativizada, pode oferecer uma chave para colocar sujeitos em relação. (PERES, 2016, p. 103).

A experiência testemunhada é como a imagem que vale mais do que mil palavras. E o testemunho das pessoas comuns ganha força de júri popular. São discursos informativos e performativos.

Folkcomunicação

Considerado pai das Ciências da Comunicação no Brasil, Luiz Beltrão tem uma obra vasta, da qual se pode extrair ensinamento sobre gêneros jornalísticos, sobretudo a partir da trilogia que escreveu sobre Jornalismo Informativo, Interpretativo e Opinativo. Conhecedor profundo do pensamento de Beltrão, José Marques de Melo deu sequência aos estudos de seu professor desde o curso de Jornalismo da Universidade Católica de Recife, na década de 1960, e adaptou as classificações ao tempo presente quando fundou, em 2009, o Grupo de Pesquisas sobre Gêneros Jornalísticos da Intercom.

Beltrão destacou-se no país e exterior pela sua tese sobre a Folkcomunicação, como uma teoria da Comunicação genuinamente brasileira tanto em seu objeto empírico

quanto teórico, sobre os meios informativos dos marginalizados, buscando uma explicação mais apropriada ao país do que os textos sobre *mass communication* propugnavam. Pela Folkcomunicação também encontramos contribuições para compreender melhor alguns elementos que compõem e atualizam os gêneros jornalísticos, âncoras da linguagem jornalística, a exemplo dos testemunhos.

Marques de Melo (2014) acompanhou as pesquisas que indicavam efeitos dos meios de comunicação de massa que não alcançavam diretamente o povo.

No sistema de folkcomunicação, embora haja existência e utilização, em certos casos, de modalidades e canais indiretos e industrializados (como emissões desportivas pela TV, canções gravadas em disco ou mensagens impressas em folhetos ou volantes), as manifestações são sobretudo resultado de uma atividade artesanal do agente-comunicador, em um processo de difusão que se desenvolve horizontalmente, tendo-se em conta que os usuários característicos recebem as mensagens através de um intermediário próprio em um dos múltiplos estágios de sua difusão. Sem este intermediário a comunicação só ocorre quando o destinatário domina código e técnica da verticalidade do meio, tendo capacidade e possibilidade de usá-lo, por sua vez, em resposta ou na emissão de mensagens originais (BELTRÃO, 1980, p. 27).

Os meios populares ganharam novas perspectivas para serem analisados. No artigo “*O ex-voto como veículo jornalístico*”, publicado em 1965 no número 1 da Revista Comunicação & Problemas (fundada por Beltrão, tendo sido a primeira publicação científica da área da Comunicação no Brasil), Luiz Beltrão apresenta a nova teoria de que objetos devocionários também podem ser transmissores de informação, a exemplo das salas de milagres.

“As classes populares têm, assim, meios próprios de expressão e somente através deles é que podem entender e fazer-se entender” (BELTRÃO, 2001, p. 125). Com a tese o pesquisador procurava decifrar o comportamento coletivo, bem como as diretrizes políticas e influência das elites dirigentes.

Recentemente, observamos no meio religioso o uso dos testemunhos como meios transmissores de informação, na linha do ex-voto de Beltrão. E assim concluiu-se que as palavras disseminadas em testemunho entregam a verdade de fé daqueles que falam e transmitem também o conteúdo que os líderes de opinião absorveram. (KOSTETZER; LAURINDO, 2020). Nos encontros carismáticos da igreja católica os pregadores têm jeito próprio de conduzir um tema, desenvolvendo-se como palestrantes.

Na pesquisa referenciada, os testemunhos foram enquadrados em grupo folkcomunicacional religioso. A problematização da verdade informativa nesse “formato” foi sistematizada por meio das seguintes categorias:

1) *persona* - aquele que se manifesta no testemunho, 2) tema da pregação - escolhido no núcleo de serviços do grupo para servir como base, 3) *rhema* - fio condutor pelo qual o pregador desenvolve o tema, 4) fato da vida do pregador relatado, 5) verdade informativa - conteúdo que o público absorve não somente por ter fé, mas porque alguém transmitiu essa informação de forma narrativa durante a fala, 6) sub grupo *folk* – grupo ao qual a pessoa pertence e que é acolhido no grupo de oração, 7) tempo completo da pregação, 8) tempo do testemunho durante a pregação. (KOSTETZER; LAURINDO, 2020, p.83-84)

Por meio dos testemunhos, vivências foram compartilhadas nos encontros acompanhados. Sabe-se que formatos semelhantes de pregações são realizados em outras expressões religiosos. Em todos, há transmissão de novas informações, a partir da escuta sobre a vida do outro.

Cada testemunho, além de contextualizar vivências, transmite novas informações. Apesar de não ser informação jornalística ou conhecimento científico, é um conhecimento que agrega fé e reforça a relação social. É um tipo de informação raramente contemplada pela mídia (a não ser em canais religiosos), mas transmite opinião e confiança. (KOSTETZER; LAURINDO, 2020, p. 88)

Com a reflexão sobre informações transmitidas à margem dos meios tradicionais, chama atenção os reforços de testemunhos na contemporaneidade. São fundamentos estratégicos para ancoragem da credibilidade no processo comunicativo. Levando-nos a indagar sobre ocorrências que se misturam com o entretenimentos nas redes sociais, com a propaganda política, com mistos de ficção e realidade. Se verdades informativas se constroem alheias ao sistema midiático, a distopia desse sistema apresenta problemas que necessitam de métodos com pressupostos do jornalismo, para que se possa balizar mecanismos de checagem que não desconheçam verdade(s) alicerçadas em testemunhos propagados ou a necessitarem deles.

Não por acaso há um crescimento de religiões que se pautam pela força das narrativas pessoais de seus fiéis pregadores, agentes comunicativos que espontaneamente multiplicam seus testemunhos.

Esses meios marginais – termo que define meios de comunicação não tradicionais - estão ganhando cada vez mais espaço para uma verdade raramente acolhida pelos meios informativos ortodoxos (rádio, tv, jornais impressos). Com o passar dos anos os testemunhos vêm adentrando nos meios tradicionais por meio de canais específicos que disseminam conteúdo religioso, inicialmente por redes cristãs como a Canção Nova, Rede Vida, TV Aparecida, Record entre outras. Mas que também se disseminam atualmente pelas redes sociais e recursos como o Whatsapp e ambientes virtuais diversos, entre outros dispositivos da Internet. (KOSTETZER; LAURINDO, 2020, p. 89)

Reflexões que merecem novos olhares se consideramos que a dimensão singular do testemunho reconhece conexões do indivíduo com o mundo sendo, portanto, essencial para o sentido do jornalismo. Peucer já falava do testemunho como requisito para o relato jornalístico como gênero funcional de escrita:

Cabe ao intelecto o conhecimento das coisas que serão registradas nos relatos públicos. Estas são obtidas por inspeção própria (autópsia) quando o sujeito é espectador (autóptes) dos acontecimentos, ou por transmissão, quando uns explicam aos outros os fatos que presenciaram. (PEUCER, 2000 [1690];204)

Na atualidade o relato jornalístico vem disputando credibilidade com comunicações isoladas e soltas na ventania digital. Como muitas narrativas são compostas por testemunhos, essa força comunicativa outrora sob excelência jornalística, ganha vínculos com receptores que precisam ser compreendidos. De que modo o jornalista vem atualizando as narrativas por meio de testemunhos, seja de suas fontes ou de sua própria vivência. Desde quando vem avançando a preferência por estilos mais opinativos do que o vigor dos elementos descritivos dos contornos testemunhais. Aliás, é possível delimitar tais contornos? Dulong (1998) dispôs como a qualificação do narrador dimensiona o próprio relato. Acrescentamos que a maneira de contar implica numa individualidade singular, (LAURINDO, 2008), no caso, de urgência profissional informativa.

O acordo de confiança passa pela função autoral. Desse modo voltamos a noções sobre autor-jornalista e autor-marca que dissertamos em tese (LAURINDO, 2008) para agora acentuar a primazia da testemunha indicial, a merecer melhor investigação, consoantes os gêneros jornalísticos.

A testemunha indicial cumpre-se quando há ligação existencial do jornalista com o evento relatado. Quanto maior a proximidade, mais forte o índice e melhor a função autoral converte o valor de testemunho. Não basta figurar apenas o nome do autor. A *Folha de São Paulo*, por exemplo, indica (no sentido mesmo de índice, ou seja, do signo que se conecta com a coisa que representa) que os jornalistas nomeados são ou da “reportagem local”, ou da “sucursal do Rio”, ou “da agência Folha, em Anápolis”, ou “da redação”, ou “da agência Folha”, ou “free-lance para a Folha, em Los Angeles”, ou “de Buenos Aires”, etc. Criam, desse modo, um elo de testemunho pela função autoral especificada no início das matérias. Configurar-se-á, ou não, o autor-jornalista calcado no testemunho. Essa condição pode estar expressa na própria narrativa jornalística. (LAURINDO, 2008, p. 70).

Referenciar um testemunho ou testemunhar passa a ser uma decisão metodológica a ser mais bem definida nas rotinas jornalísticas. Rodrigues (apud AMARAL, 2011, P.5) distinguiu a informação da cadeia de transmissão em comparação ao testemunho em si, já que à pessoa testemunha se cobra a correspondência da mensagem ao fenômeno, mas em relação aos meios o que conta seria a fidelidade da transmissão. Nesse sentido, cabe um estudo pormenorizado sobre as diferenças entre as falas das fontes em suas redes próprias e nos meios informativos, para que pelas estratégias de uso dos testemunhos os jornalistas possam melhorar a credibilidade que necessitam para se manterem como profissionais qualificados a relatarem os acontecimentos sociais, perante melhores usos testemunhais.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. *Os testemunhos nas coberturas das catástrofes ambientais*. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo do XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2011. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1678.pdf

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação – um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias*. EDIPUCRS. Porto Alegre, 2001.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: Teoria e Metodologia*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. Rio de Janeiro: Cortez, 1980.

COUTINHO, Iluska. *O Conceito de Verdade e sua Utilização no Jornalismo*. **Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo**. Janeiro/junho 2004.

KOSTETZER, Ana Cláudia; LAURINDO, Roseméri. *Testemunho dos carismáticos como verdade informativa na perspectiva da Folkcomunicação*. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa (PR), Volume 18, Número 41, p.70-92. Julho/Dezembro2020

LAURINDO, Roseméri. *Jornalismo em Três Dimensões – singular, particular e universal*. Blumenau: Edifurb, 2008.

MARQUES DE MELO, José. *Teoria e metodologia da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2014.

PERES, A. C. *Narrar o outro: notas sobre a centralidade do testemunho para as narrativas jornalísticas*. **Galaxia (São Paulo, Online)**, n. 31, p. 92-104, abr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016120913>

PEUCER, Tobias. (1690). *De relationibus novellis*. Leipzig: Tese (Doutorado em Periodística) – Universidade de Leipzig. In: **Revista Comunicação & Sociedade**. Universidade Metodista de São Paulo, nº 33, 1º semestre, 2000; republicada in: *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis: Insular, 2004, 13-30.

TAMBOSI, Orlando. *Jornalismo e teorias da verdade*. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.30, n.1, p. 35-48, jan./jun. 2007.

CONCEITO: